

ARTIGO

Na Lama da História
POLÍTICA E
TEMPORALIDADE NO
DISCURSO MACRISTA

FABIO WASSERMAN

Universidade de Buenos Aires (Conicet)

Buenos Aires | Argentina

fwasserm@gmail.com

orcid.org/0000-0002-6970-5602

O texto reconstrói e examina a relação com a temporalidade que informa o discurso do macrismo, força política de direita que governou a República Argentina entre 2015 e 2019. O estudo se propõe a revisar as teses presentistas ao colocar em relevo a centralidade que seguem tendo as invocações ao passado e ao futuro por sua capacidade de orientar atores individuais e coletivos e dar sentido às experiências sociais. O macrismo é relevante nesse sentido, pois buscou distinguir-se das tradicionais formações conservadoras de direita ao se apresentar como uma força pós-ideológica que defendia a necessidade de esquecer o passado para focar no presente e no futuro. No entanto, em seu discurso há também um lugar importante para representações do passado e interpretações tradicionais ou conservadoras da história nacional. Para realizar esta investigação foi construído um corpus documental composto pelas fontes tradicionais da história política e intelectual -imprensa, livros, documentos oficiais-, e pelo discurso que circula nas redes sociais – Twitter, Facebook.

Macrismo – Temporalidade – Discurso político – História intelectual

Texto retirado da introdução do livro En el barro de la Historia: Política y temporalidad en el discurso macrista (SB Editorial, 2021). Tradução de Livia Esmeralda Vargas-González.

ARTICULO

En el Barro de la Historia
POLÍTICA Y
TEMPORALIDAD EN EL
DISCURSO MACRISTA

FABIO WASSERMAN

Universidad de Buenos Aires (Conicet)

Buenos Aires | Argentina

fwasserm@gmail.com

orcid.org/0000-0002-6970-5602

El texto reconstruye y examina la relación con la temporalidad que informa el discurso del macrismo, una fuerza política de derecha que gobernó a la República Argentina entre 2015 y 2019. El estudio se propone revisar las tesis presentistas al poner de relieve la centralidad que siguen teniendo las invocaciones al pasado y al futuro por su capacidad para orientar a los actores individuales y colectivos y para dotar de sentido a las experiencias sociales. El macrismo resulta relevante en ese sentido, ya que si bien procuró distinguirse de las tradicionales formaciones de derecha conservadoras al presentarse como una fuerza postideológica que planteaba la necesidad de olvidar el pasado para poder enfocarse en el presente y el futuro, en su discurso también tienen un lugar importante las representaciones del pasado y las interpretaciones tradicionales o conservadoras de la historia nacional. Para realizar esta indagación se construyó un corpus documental compuesto por fuentes tradicionales de la historia política e intelectual - prensa, libros, documentos oficiales-, y por el discurso que circula en las redes sociales - Twitter, Facebook.

Macrismo – Temporalidad – Discurso político – Historia intelectual

INTRODUÇÃO

Entre o passado e o futuro

Este livro é o inesperado e tardio fruto da coincidência entre um convite e uma intuição. Em meados de 2017, eu recebi o convite de um grupo de militantes da Juventud Universitaria Peronista (JUP) do curso de História da Universidade Nacional do Rosário para eu dar – no mês de outubro desse ano – uma palestra em que pudesse conectar meu trabalho como historiador com uma reflexão sobre o presente. A atividade aconteceria poucos dias antes de se celebrarem as eleições legislativas correspondentes à metade do mandato, nas quais se augurava um renovado apoio da sociedade ao macrismo, tal e como finalmente aconteceu, o que eu achei uma boa ocasião para converter em um argumento de debate o que até esse momento era apenas uma intuição: uma das razões do triunfo do macrismo nas eleições presidenciais de 2015, havia sido sua exitosa apropriação do futuro, ou seja, um motivo, orientação ou valor que costumava ser património das forças progressistas e de esquerda.

O debate que a palestra provocou deixou-me duas impressões. A primeira, consiste no fato de eu não ter conseguido convencer os presentes ou, ao menos, a maioria deles. O que realmente não os convencera foi a outra face da minha hipótese: que a apropriação do futuro por parte do macrismo havia sido facilitada pelo kirchnerismo, o qual optara por se entrincheirar na defesa de um estado de coisas perante o temor de que tudo pudesse piorar. A segunda tem a ver com o fato de que, apesar desta recepção, minha intuição podia ser uma hipótese fértil para entender o sucesso do macrismo enquanto construção política e ideológica, o que exigia uma exploração sistemática de sua relação com a temporalidade. Decerto, nesse momento eu não tinha como imaginar sua debacle eleitoral em 2019 e, menos ainda, a possibilidade dessa exploração se converter em um livro.

Esta indagação esteve animada por dois impulsos que nem sempre coincidem, e menos ainda no caso dos historiadores, os quais temos tendência a desconfiar das análises sobre o presente. Por um lado – o mais evidente – um de caráter ético-político, dirigido a compreender a sociedade em que vivo e, mais precisamente, os discursos que permitem legitimar a desigualdade e a opressão. Por outro lado, um de caráter intelectual, pois, junto com outros colegas, eu vinha desenvolvendo uma indagação sobre o impacto provocado pelas mudanças políticas nas formas de experimentar, representar e conceituar a temporalidade entre os séculos XVIII e XIX (Wasserman 2020).

Embora essa pesquisa dedica-se a um passado que parece alheio – não só por motivos cronológicos –, ela também se nutre do diálogo com inúmeros trabalhos que examinam as mutações produzidas nas últimas décadas em relação com as formas de nós vincularmos com a temporalidade, e cuja leitura e discussão contribuíram para a minha intuição se transformar em uma hipótese de trabalho. Em relação com essas mudanças, afirma-se que nós estamos em presença de uma transformação profunda na forma de conceber a temporalidade forjada em ocidente entre o final do século XVIII e o início do século XIX a qual, enquadrada em filosofias da história teleológicas, caracterizar-se-ia pela orientação futurista, pela confiança no progresso da humanidade e, portanto, pelo maior peso das expectativas sobre a experiência (Koselleck 1993, 333-357). Por diversas razões, entre as quais podem se mencionar o fracasso dos socialismos e a instauração do capitalismo como o único horizonte possível para a humanidade – mas também a mudança climática, o esgotamento dos recursos naturais e o pessimismo crescente sobre a capacidade libertadora que possuem

a ciência e a tecnologia –, parecesse que o *futuro* já não pode mais oferecer uma orientação capaz de dar sentido às nossas ações. Alguns autores consideram que essa função teria sido deslocada para o *presente*, o qual parece abranger tudo. O historiador francês François Hartog (2007) afirma, por exemplo, que no final do século XX produziu-se uma *crise de tempo* que provocou o passo de um *regime de historicidade futurista* para um *presentista*. Por sua vez, o crítico e ensaísta alemão Hans Ulrich Gumbrecht (2010) considera que nós vivemos em um *presente amplo* ou *distendido*. Essas e outras categorias análogas contribuíram para a compreensão de algumas das mutações que estão se produzindo nas formas de experimentar, conceber e representar a temporalidade (Lorenz y Bevernage 2013; Valero y Zermeño 2017). No entanto, após ter provocado um grande impacto em âmbitos acadêmicos e intelectuais, elas também foram motivo de crítica, quer pelo seu caráter esquemático, quer pela sua pretensão de universalidade – a qual dificulta a compreensão de fenômenos e de processos que não se adequam a essas formulações – ou quer porque, ao colocar o foco no presente, parecessem se desentender do passado e do futuro, como se tais dimensões da temporalidade já não tivessem lugar nenhum, carecessem de toda importância ou não cumprissem nenhuma função em nossas sociedades, quando, na verdade, resulta fácil advertir que isso não é bem assim, pois ainda orientam e dão sentido aos discursos, às ações e às instituições.

Para além das divergências e dos debates sobre suas causas e características específicas, existe uma percepção generalizada segundo a qual *algo* aconteceu ou está acontecendo com a temporalidade e que – o que interessa aqui –, esse *algo*, seja lá o que for, afeta as concepções, os discursos e as práticas políticas. Isso pode se advertir, por exemplo, na inversão das formas nas que, durante quase dois séculos, as forças políticas e as ideologias identificadas como de *esquerda* e de *direita* vincularam-se com a temporalidade. Embora este não seja o lugar para uma discussão sobre a pertinência e a vigência dessas categorias centrais na política contemporânea, eu gostaria de propor uma precisão esquemática que permitirá compreender o argumento do artigo: eu considero como forças de esquerda aquelas que promovem a igualdade, e como forças de direita as que afirmam que a desigualdade é inevitável, necessária e/ou justa. Se retomarmos um postulado clássico forjado ao calor da Revolução Francesa, poderia se afirmar que, enquanto a esquerda concebe a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade como três princípios ou valores necessariamente articulados, a direita os desconhece ou só valida o da Liberdade, mas entendida em termos individualistas e associada à Propriedade e à Segurança.

Voltemos para o argumento: se durante os séculos XIX e XX a esquerda tinha uma orientação futurista e tinha tendência a promover a aceleração dos processos ao considerar que a História estava do seu lado, já que o mundo progredia e marchava para a implantação da Igualdade e da Liberdade, quer dizer, para a criação de novas e mais justas relações sociais, agora teria se convertido em uma força conservadora que procura resistir o avanço destrutivo do capital e do individualismo, promovendo para isso, em muitos casos, uma desaceleração (Galliano 2020; Rosa 2011). É sintomática, nesse sentido, a recorrência com a que se reproduz, seja como verdade revelada, como piada ou *como verdade revelada como piada*, uma frase que é atribuída tanto ao crítico literário marxista norte-americano Fredric Jameson, como ao filósofo esloveno e estrela mediática Slavoj Žižek, e que foi popularizada pelo ensaísta e ativista cultural inglês Mark Fisher (2018): é mais simples imaginar o fim da humanidade que o fim do capitalismo. Por sua vez, houve um crescimento de forças de direita que

têm um menor peso de experiência ou, mais precisamente, que conseguem se apresentar dessa forma, o que lhes permite ter uma maior capacidade para expressar e direcionar expectativas e imaginar futuros em uma conjuntura na qual boa parte da sociedade se sente desconforme com seu presente. É o caso do neoliberalismo que, embora costuma ser considerado como uma corrente *presentista* – na medida em que em seu discurso prevalece uma crítica do passado o qual é considerado como um lastre – também possui uma forte marca *futurista*, ao se sustentar na promoção de mudanças radicais orientadas a promover a Liberdade (Escalante Gonzalbo 2015, 249)¹. É claro que já não tratar-se-ia de libertar os oprimidos, o povo, a humanidade, ou alguma comunidade, mas os indivíduos que não podem desdobrar todo seu potencial por culpa das restrições institucionais, normativas e culturais herdadas às que é atribuído um caráter coletivista ou socialista. Resumindo, e para dizê-lo em poucas palavras, a direita roubou à esquerda – e ela deixou-se roubar – algo que durante quase dois séculos fora um de seus principais atrativos: a possibilidade de imaginar novos horizontes para a vida social, quer dizer, o *futuro*².

Essa caracterização coincidia com minha intuição sobre o macrismo, sobretudo quando se considera que ele se apresentava como uma força inovadora com um discurso individualista e em prol do mercado afim ao do neoliberalismo. E, contudo, e assim como eu também tinha colocado em forma de pergunta na palestra que eu dera em Rosário – “Existe um relato histórico macrista?” –, havia *algo* que me fazia ruído. É possível produzir hegemonia, governar ou simplesmente lograr um consenso social arguindo que a história carece de interesse para nossas vidas? Ou, para ser mais preciso, é possível, em uma sociedade como a argentina, na que em cada passo nos tropeçamos com referências históricas que, aliás, são invocadas uma e outra vez nos debates públicos para dar sentido aos acontecimentos do presente? Pode-se fazer política de forma asséptica, sem ser salpicado com a lama da história? Para colocar um exemplo: Como nós deveríamos interpretar o fato de várias das conferências de imprensa de Macri e de Marcos Peña – seu Xefe de Gabinete e a figura mais influente de seu governo – se realizarem no *Salón de los Pueblos Originarios* da Casa Rosada e que tivessem como imagem de fundo uma cópia da *Acta de la Declaración de la Independencia* em 1816?

¹ Para leituras críticas do neoliberalismo que consideram seus aspectos socioculturais e políticos, consultem-se os seguintes trabalhos: Brown (2016); Harvey (2007); Dardot e Laval (2017).

² Certamente, se trata de uma afirmação generalizadora que não faz justiça às práticas e conceitualizações de esquerda orientadas para o futuro, quer que sejam formulações teóricas, movimentos sociais e/ou militâncias como as feministas.



O presidente do Banco Central, Federico Sturzenegger, o chefe de Gabinete, Marcos Peña, o ministro de Fazenda, Nicolás Dujovne, e o ministro de Finanças, Luis Caputo, anunciando as metas de inflação para o próximo ano (28 de dezembro de 2017).

Se alguma coisa não pode ser atribuída ao macrismo é ter sido ingênuo nas suas encenações. Como se articula, então, essa cenografia austera, mas carregada de simbolismo histórico, com o anúncio das metas de inflação propostas em dezembro de 2017 ou do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) de 2018? Certamente, os que tomavam a palavra para informar os atos de governo, podiam omitir toda referência à história nacional e, inclusive, podiam desdenhá-la por irrelevante. Porém, ela não apenas continuava a ficar aí, presente, senão que, literalmente, respaldava-os. Ou, também pode ser assim interpretado, talvez eram eles os que estavam dando as costas para essa história.

No entanto, tem algo mais importante ainda: se os funcionários, militantes e simpatizantes do macrismo fazem parte da sociedade argentina, sua compreensão desta e de seus conflitos não estaria, aliás, informada por narrativas, imagens, representações e interpretações sobre sua história? Poderiam deixá-las de lado na hora de governar? Para dar um exemplo: qual relação existia entre o funcionário Pablo Avelluto, quem assumiu o cargo como ministro de Cultura de Macri em dezembro de 2015, e o twiteiro Pablo Avelluto, quem, em uma cálida noite do verão de 2013, escrevera em sua conta “ai, meu golpe favorito! Que má imprensa que tem”, para se referir à autodenominada Revolução Libertadora que derrocou Juan Domingo Perón em 1955?



Poder-se-ia tratar apenas de uma piada – tudo pode ser ou virar uma piada nesse solo fértil de cinismo que são as redes sociais em geral e Twitter em particular. Porém, ainda nesse caso, não se tratava de qualquer piada, mas de uma que mobilizava um olhar, uma valoração e uma interpretação sobre um tema central na história argentina. Essa tomada de partido perante o passado poderia ter desaparecido ao assumir o cargo de funcionário de um governo que, na campanha eleitoral, comprometera-se a “unir os argentinos”? Não teve incidência nenhuma em suas políticas no ministério? As demissões que caracterizaram sua gestão – uma das suas marcas distintivas –, justificar-se-iam apenas em termos econômicos e tecnocráticos ou haveria também razões que respondiam a sua interpretação da sociedade e da história argentina?

Estas questões fizeram-me suspeitar que a minha intuição inicial estava certa, mas incompleta, e que, aliás, a compreensão do macrismo precisava de uma maior atenção, não apenas para aquilo que era mais inovador e surpreendente – a sua orientação futurista e seu proclamado desinteresse pelo passado –, mas também para a forma de se vincular com a história, a qual tendia a passar despercebida, talvez porque se tratava de algo para o que já estávamos habituados e que, da mesma forma que com a carta roubada do conto de Poe, era tão visível que não podíamos vê-lo.

Para desenvolver esta pesquisa, usei fontes tradicionais da história política e intelectual – discursos, declarações, artigos de jornal, livros –, mas também adverti que era preciso incorporar algumas imagens e, sobretudo, o discurso que circula nas redes sociais, um meio decisivo para a estratégia comunicacional do macrismo, pois facilitou sua focalização e sua interação com públicos mais amplos, além de contribuir com sua apresentação como força política moderna, jovial e descontraída. Dessa forma, eu reparei em duas questões que talvez até agora, uma vez concluído o governo de Macri, possam resultar óbvias, mas que, em seu momento, não receberam tanta atenção no debate público ou, no máximo, foram abordadas por alguns sociólogos e politólogos especializados no macrismo ou na análise do discurso político. A primeira é que, embora em seus inícios o macrismo fora uma criação de um pequeno grupo de políticos, acadêmicos, empresários e especialistas em marketing, seu crescimento e sua aceitação social foram possíveis trás ter conseguido articular posições, interesses e ideias de distintos sectores que também incidiram no seu discurso e nas suas políticas. Eis que, para poder compreendê-lo, resulta indispensável considerar sua interação com outros atores

sociais, econômicos, políticos e culturais, e com discursos que circulam no espaço público sem que necessariamente tenham sido elaborados ou enunciados por seus partidários. A segunda – fortemente associada à anterior – é que, embora o macrismo foi inovador em muitos aspectos que o distinguem das tradicionais formas de direita conservadora e liberal argentina, o certo é que, além de interesses, também dividia e divide com elas alguns valores e aspectos ideológicos que informam seu discurso.

Tanto o caráter inovador do macrismo, quanto sua impossibilidade ou dificuldade para tomar distância de outras tradições políticas e ideológicas de direita, podem ser detectadas na forma de se vincularem com o passado e com o futuro, que é o tema deste artigo. Nesse sentido, e para esclarecer qualquer mal-entendido, é preciso assinalar que eu não examino as políticas governamentais do macrismo e nem sequer desenvolvo uma análise exaustiva do seu discurso, o qual deveria incluir temas que eu não abordo, tais como o punitivismo ou o consumo. Desta forma, eu me foquei na sua relação com o passado e com o futuro, na medida em que é um tema do meu interesse que permite pôr em discussão as teses presentistas, mas, sobretudo, porque eu considero que foi uma das chaves que permitiu ao macrismo se constituir em uma força política capaz de interpelar e de representar um amplo sector da sociedade argentina.

Antecipo o argumento do artigo que, como pode se observar, implicou uma revisão da minha hipótese original: embora o macrismo apresentou-se com sucesso como uma força pós-ideológica que explicitamente estabelecia a necessidade de esquecer o passado para poder se focar no verdadeiramente importante – que é o presente e, sobretudo, o futuro –, seu discurso também esteve informado por representações e interpretações tradicionais sobre a história nacional. Em termos ideais ou paradigmáticos, tratar-se-ia de duas formas contrapostas de se vincular com a temporalidade. No entanto, puderam se articular como dois vetores do que em termos valorativos e ideológicos constitui um dos núcleos centrais do discurso macrista: o anti-igualitarismo. Na Argentina, pela sua própria história, essa ideologia e sensibilidade de direita e anti-esquerda tem uma profunda inflexão antipopulista, vale dizer, é anti-peronista. Ou, para usar uma expressão forjada pela língua popular – que também pode ser considerada como uma categoria particular da política argentina na medida em que permite dar conta desse posicionamento e dessa sensibilidade – é *gorila*³.

A estrutura do artigo também se organiza a partir desse argumento. O primeiro capítulo, “Lembranças do futuro”, começa com uma breve caracterização do macrismo enquanto força política e ideológica, prestando especial atenção a sua relação especular e antagônica com o kirchnerismo, para depois se focar no exame do filão futurizante do seu discurso. O segundo capítulo, “O macrismo no espelho da história argentina”, propõe-se a explicar a coexistência e articulação dessas duas posições em relação com a temporalidade, incorporando para isso no exame a concepção macrista da sociedade ou da ordem social.

³ Emprega-se o termo *gorila* para se referir às ideologias, pessoas e/ou regimes ditatoriais (Nota da Tradutora).

Por que publicar esse artigo nesse momento? Qual o sentido que há por trás da derrota eleitoral de Macri em 2019? É possível o macrismo não se manter no tempo tal e como se encontra atualmente configurado. Isso é uma coisa da que nós não podemos ter certeza. Mas, o que é claro é que não se tratou de um acidente ou de um desvio na história, nem que foi o fruto de um acaso. Muito pelo contrário, conseguiu se constituir em uma expressão política de direita capaz de conciliar valores e concepções que ancoram suas raízes no passado nacional junto com outros mais recentes que resultam de profundas transformações produzidas durante as últimas décadas, tanto a nível mundial quanto local. Essas mudanças afetaram o conjunto da sociedade, incluindo muitos que o rechaçam ou dizem rechaçá-los, mas que em sua vida cotidiana também se regem – nos regemos – por esses princípios e valores. O discurso macrista constitui, portanto, um objeto de análise relevante para poder compreender as representações, expectativas, frustrações, medos, aspirações e desejos de um setor importante da sociedade. Por sua vez, e dada a centralidade que têm o passado e o futuro nessa construção política e ideológica, seu exame também permite desenvolver uma revisão prática das teses presentistas.

Como costuma se dizer, eu comecei a pensar e a escrever algumas das partes deste artigo ao calor dos acontecimentos, quando tudo parecia indicar que Macri seria reeleito, e o concluí durante da quarentena provocada pelo Coronavírus, que contribuiu com o incremento e a incerteza de não saber como iria continuar essa história. O trânsito por esse período breve, mas denso e vertiginoso, deixou algumas marcas na escrita, começando pelas mudanças que eu tive que fazer na conjunção dos tempos verbais quando o governo de Macri deixou de fazer parte do presente para se converter em um passado imediato e, talvez – em outras condições e/ou com outros nomes –, em um possível futuro. No entanto, as marcas mais importantes são consequência do diálogo e da discussão que eu mantive sobre esses temas em distintos âmbitos e que me obrigaram a revisar e a fazer mais sucintos minhas análises e meus argumentos. Além de apresentar algumas ideias de forma fragmentária e desordenada em Facebook e Twitter – às vezes inclusive como memes – eu também tive a sorte de poder discuti-las com uma maior sistematicidade e rigor com distintos interlocutores, e a de publicar alguns avanços que me permitiram receber trocas críticas por parte dos seus editores e leitores (Wasserman 2019; 2021).

LEMBRANÇAS DO FUTURO

A construção política e ideológica do macrismo

A história de Maurício Macri é conhecida (Cerruti 2015; Di Marco 2018). Nascido na cidade de Tandil em 1959, no seio de uma família integrada por Alicia Blanco Villegas e o empresário italiano Franco Macri, vinculou-se desde muito jovem aos círculos de poder econômico, social e político. No final da década de 80, começou a ser conhecido como um promissório executivo nas empresas da sua família, com um alto grau de exposição nas mídias gráficas e audiovisuais, sobretudo a partir do sequestro extorsivo do qual foi vítima em 1991. Porém, seu maior reconhecimento social – sua popularidade – o conseguiu quando foi presidente de Boca Juniors entre os anos 1995 e 2007, para o qual, além de um inovador e polêmico modelo de gestão empresarial e a reforma do estádio, contribuíram, sem dúvida, os dois ciclos exitosos que teve Carlos Bianchi como treinador.

Para além de alguns flertes com Carlos Menem na década de 90 – que, entre outras questões permitir-lhe-iam sortear uma causa judicial por contrabando agravado na qual interviria em seu favor a Corte Suprema – foi apenas no contexto da crise que explodiu em 2001 que Macri decidiu participar ativamente da política partidária. Embora seja algo que não costuma ser lembrado por seu decurso posterior, nesse momento ele estava muito vinculado com o peronismo, e vários dos políticos que o acompanharam daí por diante provinham dessa força política, bem como do radicalismo e de alguns partidos menores de direita conservadora e liberal. Outrossim, ele conseguiu somar adesões de pessoas sem participação política prévia, seja que viessem da atividade empresarial, do mundo das ONG ou de âmbitos acadêmicos. Essa heterogeneidade explica-se, em parte, pelo fato de que, diferentemente das forças tradicionais da direita argentina, cuja aspiração consistia em influenciar os círculos de poder e aportar quadros a governos, Macri se propôs a construir uma nova força com capacidade para empreender uma disputa eleitoral. Em 2003, ele apresentou-se como candidato a Chefe de Governo da Cidade de Buenos Aires, com a Frente Compromiso para el Cambio, na qual convergiam o Partido Justicialista e algumas forças de direita. Tratou-se de um debut auspicioso, já que ganhou no primeiro turno, embora no *ballotage* fosse derrotado pela fórmula progressista encabeçada por Aníbal Ibarra, o que evidenciou que ainda tinha um teto eleitoral baixo. Em 2005 fundou o Partido Compromiso para el Cambio que integrou a Alianza Propuesta Republicana, conhecida daí por diante como PRO, com a qual conseguiu ser eleito deputado nacional (2005-2007) e Chefe de Governo da Cidade de Buenos Aires durante dois períodos (2007-2015). Nessa posição, ele foi se constituindo no principal opositor aos governos peronistas de Néstor Kirchner (2003-2007) e de Cristina Fernández de Kirchner (2007-2015), apelando a um discurso pro-mercado, republicano, institucionalista e antipopulista, que é o que acabaria definindo e identificando o macrismo. No ano de 2015, e deixando por fora uma possível aliança com o peronismo não kirchnerista liderado por Sérgio Massa, Macri encabeçou, junto com Gabriela Michetti, a fórmula presidencial da aliança Cambiemos, a qual incluía outras forças como a Unión Cívica Radical e a Coalición Cívica liderada por Elisa Carrió. Em 22 de novembro desse ano, e após o triunfo imprevisto da candidatura de María Eugênia Vidal para governar a Província de Buenos Aires, Macri ganhou com uma margem estreita no *ballotage* presidencial contra Daniel Scioli, o candidato do

peronismo, quem se apresentara dividido e desgastado após doze anos de governos kirchneristas.

Esse triunfo foi referendado nas eleições legislativas realizadas em 22 de outubro de 2017, nas *que Cambiemos* conseguiu ampliar sua representação parlamentar. No ano seguinte registrou-se uma profunda crise econômica, pelo que, em junho de 2018, teve de recorrer a um acordo com o FMI, inédito pelas condições e pelo volume do empréstimo concedido em um contexto marcado pelo aumento da pobreza, uma escalada inflacionária, um achatamento do PIB e um agravamento na distribuição da renda. Isso ocasionou um forte desgaste do oficialismo e levou a importantes mudanças no tabuleiro político, particularmente no peronismo que, no ano de 2019, e após a impossibilidade de formar uma aliança que excluísse ao kirchnerismo, unificou-se na Frente de Todos e apresentou uma fórmula presidencial integrada por Alberto Fernández e Cristina Fernández de Kirchner. Nas eleições primárias realizadas em 11 de agosto, atingiram o 47% dos votos, deixando em um segundo lugar a aliança Juntos por *el Cambio*, cujos candidatos foram Macri e Miguel Ángel Pichetto, o ex chefe do Bloco de Senadores Justicialistas, os quais obtiveram o 32% dos votos. Em 27 de outubro, o peronismo ganhou no primeiro turno eleitoral, em um cenário marcado pela polarização. No entanto, a fórmula macrista conseguiu uma forte recuperação em relação com as primárias ao obter o 40% dos votos, conservando, dessa forma, um significativo fluxo eleitoral e um nutrido bloco de legisladores de Juntos por *el Cambio*, além de várias governações e prefeituras.

Tanto a rapidez com a que o macrismo chegou ao poder, quanto a forma como o fez, questionaram alguns lugares comuns sobre o sistema político argentino, como a suposta invencibilidade do peronismo na Província de Buenos Aires. Isso deu lugar a inúmeras discussões e estudos sobre sua construção, sua natureza e as razões de seu sucesso (Vommaro, Bellotti y Morresi 2015; Bohoslavsky y Morresi 2016; Vommaro 2017; Adamovsky 2017; Canelo 2019). Tratar em profundidade essas questões excede os propósitos deste artigo; é por isso que eu só vou me focar em três aspectos nos que eu tenho particular interesse pela importância que eles têm para os argumentos que apresentarei daqui por diante, os quais se referem à identidade e ao discurso do macrismo.

O primeiro aspecto consiste no seguinte. Embora o discurso e a imagem de Macri foram desenhados por um reduzido grupo de políticos, acadêmicos, empresários e expertos em marketing, seu crescimento e seu sucesso foram possíveis pela sua retroalimentação com diversos atores políticos, econômicos, sociais e midiáticos, os quais encontraram em sua candidatura a possibilidade de articular uma oposição ao kirchnerismo. Nesse sentido, podem ser assinalados, pelo menos, três momentos chave: o conflito entre o governo kirchnerista e as corporações midiáticas e agropecuárias que dividiu a sociedade argentina no ano 2018; o temor da oposição e das classes proprietárias perante a suposta radicalização do governo de Cristina Kirchner no ano 2013; e o triunfo eleitoral de Macri em 2015, a partir do qual somaram-se setores que até então apostaram por uma alternativa peronista não kirchnerista, seja através da candidatura de Massa, ou propiciando a ruptura de Scioli com o kirchnerismo. Para além de seu maior ou menor afinidade ou simpatia com Macri ou com o macrismo, foi no contexto desse processo que sua candidatura e sua força política se constituíram no anti-kirchnerismo possível – e para muitos também no antiperonismo ou antipopulismo possível. É por isso que no presente artigo eu me refiro ao macrismo em um sentido amplo que excede os políticos, funcionários e

intelectuais pertencentes ou próximos a essa força, ao considerar, aliás, os que encontraram nela uma representação de suas ideias, interesses e/ou sensibilidades.

O segundo, que se desprende do anterior, consiste na impossibilidade de entender o macrismo sem considerar sua relação com o kirchnerismo. Por um lado, porque as duas forças emergiram e foram se construindo como respostas alternativas à crise dos anos 2001 e 2002 – a qual não atingiu apenas o espectro socioeconômico, mas também o sistema político e, particularmente, os partidos enquanto instâncias de representação. Por outro lado, porque foi no contexto desse processo que as duas formações foram delineando suas identidades como uma sorte de espelho negativo de um com respeito ao outro. Esse estado de coisas, que acabou cristalizando-se durante o segundo governo de Cristina Kirchner, achou um nome na metáfora de “*la grieta*”⁴, popularizada pelo jornalista Jorge Lanara, sobre cujos usos eu falarei mais para frente.

O terceiro – que é o que mais interessa neste artigo – consiste na particular forma de se relacionar com a temporalidade proposta pelo macrismo. Em novembro de 2017, e poucos dias de ter obtido o triunfo nas eleições legislativas – o qual parecia legitimar suas políticas e anunciava uma possível reeleição dois anos depois –, o jornalista e empresário de mídias, Jorge Fontevecchia, fez uma reportagem para Marcos Peña quem, além de ser o chefe de gabinete, era o funcionário mais importante do governo Macri. O jornalista citou ao sociólogo alemão Hartmut Rosa ao afirmar que a aceleração produzida nas últimas décadas provocara uma crescente alienação da sociedade, para depois lhe perguntar se “os partidos políticos tradicionais, como toda tradicionalidade, são afetados por essa aceleração, cuja alienação gera perda de identidades sociais e partidárias”⁵. Peña dobrou a aposta e respondeu-lhe que “não apenas os partidos políticos, mas todas as instituições políticas sobre as quais se monta o desenho republicano em que vivemos. Eles foram desenhados para uma sociedade dramaticamente distinta em sua face temporal, em sua face comunicativa e em sua complexidade” (Fontevecchia 2017).

Peña estava levantando um ponto central do diagnóstico a partir do qual se sustentavam o projeto e a identidade do macrismo: o profundo desfaçamento existente na Argentina entre as ideias, os discursos e as instituições que, durante boa parte do século XX, organizaram a sociedade e o Estado, e as necessidades e desafios que estes devem confrontar e sobrelevar no século XXI. Tal e como continua afirmando o consultor Jaime Durán Barba – quem até 2019 foi o principal artífice do discurso, da imagem e da estratégia eleitoral do macrismo –, em “Ocidente gera-se o enfrentamento entre os valores e as instituições do século XX e os de uma sociedade pós-moderna que já se encontra entre nós, embora os conservadores não podem nem sequer percebê-la” (Durán Barba 2020). Nesse sentido, e diferentemente das forças tradicionais de direita de corte conservador que promovem uma regeneração ou a volta para uma idade dourada – ou da qual, pelo menos, sentem saudades e lembram com nostalgia –, o macrismo manteve com ênfase a necessidade de deixar o passado para trás por considerá-lo um lastre que impede o desenvolvimento do país. Essa foi uma das marcas identitárias. É por isso que desde seus inícios adjudicou um lugar central no seu discurso e na sua imagem às noções de mudança, de movimento e de futuro, tal e como pode

⁴ *Fissura* em português.

⁵ Todas as citações, as quais estão originalmente em espanhol, foram traduzidas pela tradutora.

se apreciar na eleição dos nomes do partido e das alianças que integrou: PRO, Cambiemos e Juntos por *el Cambio*.

A TEMPORALIDADE NAS DISPUTAS POLÍTICAS

O desinteresse pelo passado e pela orientação futurista pode se atribuir a uma concepção pós-ideológica da ordem política e social que, entre outras fontes, bebe do discurso meritocrático neoliberal para o qual o passado expressa os entraves materiais e ideológicos que impedem os indivíduos de desdobrar todo o seu potencial. Mas também foi uma tática para diferenciar-se do kirchnerismo, quem tinha dado uma grande importância à história argentina e latino-americana, tanto na construção da sua identidade, quanto nas suas políticas governamentais (Perochena 2020). Com efeito, o kirchnerismo promoveu uma recuperação ativa do passado enquadrada em uma perspectiva revisionista de esquerda que, com distintas ênfases e matizes, reivindica a participação das massas na revolução de independência e nas guerras civis do século XIX, o *caudilhismo*, o federalismo, o peronismo, a militância revolucionária das décadas de 1960 e 1970, a instauração do reclamo de soberania sobre as Ilhas das Malvinas no centro da agenda política nacional e internacional, e as lutas pelos Direitos Humanos contra a Ditadura que governou a Argentina entre 1976 e 1983. A potência dessa interpretação do passado nacional foi advertida por vários intelectuais opositores ao kirchnerismo. É o caso da jornalista e política Maria Eugênia Estensoro quem, perante a suposta hegemonia do relato peronista e kirchnerista na sociedade argentina, lamentava a ausência de

(...) uma épica que conte de onde nós viemos, como estamos e para onde queremos ir desde o campo liberal-republicano, o qual criou as bases de nossa Constituição e desenvolvimento. Há um trabalho intelectual pendente: escrever a nossa versão do passado e do presente para criar o futuro que nós queremos, com ideias e histórias que mobilizem. A gestão e as estatísticas não apaixonam. (Di Marco 2020)

Na verdade, como veremos no próximo capítulo, essa versão do passado não só não existe, senão que faz parte do senso comum histórico de amplos setores da sociedade que se identificaram com o macrismo, uma força que, aliás, conta com a adesão de reconhecidos historiadores, quer que sejam acadêmicos, quer que sejam divulgadores. Porém, em lugar de promover uma narrativa histórica afim a sua posição ideológica, ou de alentar aos que, na sociedade civil, o apoiaram para fazer essa tarefa, tal e como o propus o historiador Luis A. Romero (2016) ao iniciar o governo Macri, seu governo optou por privilegiar o futuro como orientador de suas políticas e mostrou escasso interesse pelo passado ao considerá-lo um peso morto que impede o desenvolvimento do país. Tanto é que ele preferiu desativar alguns dispositivos estatais criados ou potenciados pelo kirchnerismo para transmitir uma visão sobre o passado em áreas como a educação, a cultura e a comunicação, quando poderia facilmente orientá-los em uma perspectiva afim à sua.

Essa tentativa por se diferenciar do kirchnerismo pode ser apreciado com nitidez nas distintas formas de comemorar as datas patrióticas e, em particular, as dos bicentenários da Revolução de Maio e da Declaração da Independência. No primeiro, que aconteceu no ano 2010 durante a presidência de Cristina Kirchner, realizaram-se festividades durante vários dias, caracterizadas

pela participação de milhares de pessoas que foram para os espetáculos protagonizados por artistas populares e de vanguarda, além de contar com a presença de quase todos os presidentes sul-americanos. No segundo, que aconteceu no ano 2016 durante a presidência de Macri, realizaram-se festividades de baixa intensidade, despolitizadas e fazendo referência sobretudo para o futuro. Outro aspecto ressaltante é que nessa ocasião não participou nenhum presidente da América Latina, mas sim esteve presente Juan Carlos de Borbón, o Rey Emérito da Espanha, diante de quem Macri pronunciou um discurso que incluiu uma infeliz e lembrada frase referida aos deputados que declararam a Independência em 1816: “Eles deveriam estar com angústia por tomar a decisão, meu querido rei, de se separar da Espanha”.

Às dificuldades expressivas que costuma ter Macri no momento em que sai do roteiro e improvisa, somou-se uma imagem desluzida provocada por um bocejo que foi captado ao vivo pela televisão e por ter arguido cansaço como desculpa para não participar do desfile que acontecera no dia seguinte.



Captura de tela da transmissão de C5N em 9 de julho de 2016.



Contudo – e isso é muito importante –, o governo transcendia Macri e seu desempenho, mesmo em um regime fortemente presidencialista como o argentino. Nesse sentido, resulta necessário considerar o discurso e o imaginário desdobrado por seu governo, o qual ficou sintetizado em forma magistral no slogan *Comemoremos que o futuro depende de cada um de nós*. Essa concepção da sociedade como um conjunto de pessoas que dependem de seu acionar individual mais que como um sujeito coletivo – como poderiam ser as tradicionais invocações ao povo, a pátria o a nação, reafirmava-se no vídeo e no texto oficial nos quais se insistia no caráter futurista do presente ao vinculá-lo com esse porvir imaginado no passado que orientara a Declaração da Independência:

Este ano temos o privilégio de comemorar os 200 anos da declaração de nossa independência, uma comemoração federal que nos une como argentinos. 200 anos desde que, na querida província de Tucumán, um grupo de pessoas tomou a decisão de unir-se para construir algo novo para este continente.

Eram os representantes de povos distintos e diversos, mas tinham muito em comum: a vocação de viver em união e liberdade e o sonho por um futuro melhor. O que os juntava do passado era uma monarquia distante e em problemas, o que tinham por diante, contudo, era uma nova nação. (...)

Começam nossos próximos 200 anos, e está em nossas mãos a possibilidade de ser essa geração que escreva o capítulo mais próspero de nossa história, onde consigamos construir um país unido, generoso, pujante, que confia em sua gente e em suas capacidades, onde todos crescem simultaneamente. Juntos, podemos conseguir tudo o que nos proponhamos. Porque unidos nós somos mais.
(<https://www.casarosada.gob.ar/bicentenario/>)

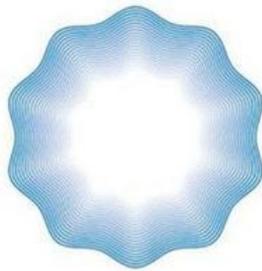
Essa orientação futurista também pode ser apreciada no logo usado como símbolo para comemorar o bicentenário da Declaração da Independência. Seu autor, Hernán Berdichevsky, já tinha participado no desenho utilizado em 2010, o qual se baseava na escarapela nacional. Em uma reportagem explicava que o novo logo fora concebido como uma evolução do anterior com o propósito de transmitir os valores de independência, união, positividade e futuro:

Um pouco a ideia é unir essa *'grieta'* da que todos falam. (...) a grande diferença com o logo anterior é o desenho. Incluiu-se o conceito de futuro, mas se manteve a mesma estrutura gráfica. O outro tinha 20 pétalas para representar as 20 décadas. Agora, essa representação é com 20 linhas que vão se movimentar no formato digital e vão a criar novas estruturas. O logo já não é estático, é dinâmico, está em permanente movimento (Berdichevsky 2016).



**200 AÑOS
BICENTENARIO
ARGENTINO**

Bicentenario de la Revolución de Mayo



**ARGENTINA
200 AÑOS DE
INDEPENDENCIA**

Bicentenario de la firma de la Independencia

*Logos oficiais do Bicentenário da Revolução de Maio (2010)
e do Bicentenário da Declaração da Independência (2016).*

Dessa forma, o logo adaptava-se ao objetivo do governo de Macri, que era enfatizar uma noção de mudança, de movimento e de futuro, em contraposição a uma imagem estática e ancorada no passado que atribuía ao kirchnerismo em particular e ao peronismo em geral.

ENTRE A “PESADA HERANÇA” E A REFUNDAÇÃO DA SOCIEDADE

Tal e como foi advertido, qualquer exame que se faça sobre o macrismo precisa considerar sua relação especular e antagônica com o kirchnerismo. Mas esse exercício, mesmo que necessário, resulta insuficiente. Embora eram constantes as invocações para voltar para uma suposta *normalidade* que se perdera durante os governos kirchneristas – os quais eram associados com um estado de loucura –, a verdade é que o projeto macrista tinha um caráter re-fundacional que apontava para uma transformação radical da sociedade argentina. Com efeito, mais que um retorno para uma situação anterior que se resolvia com o deslocamento do kirchnerismo do poder, o que o macrismo se propunha era apagar boa parte da história argentina do século XX ou, mais especificamente, boa parte do que ainda estava vigente dessa história, para desse modo poder dar forma a um futuro diferente. Eis a razão pela qual, para poder examinar seu

discurso de ruptura, se requer distintos olhares que permitam colocar o foco em um marco temporal curto e, ao mesmo tempo, em outro muito mais amplo.

A necessidade de considerar esses distintos marcos temporais pode ser apreciada nos usos da expressão “pesada herança” que, da mesma forma que “*la grieta*”, incorporou-se com sucesso no debate público, podendo ser empregadas tanto para falar de fenômenos e conflitos do presente e do passado recente – a disputa com o kirchnerismo –, quanto para falar da história argentina, pelo menos a do século XX. Nesse sentido, e contra o que costuma acreditar-se, foram os simpatizantes nas redes sociais e os meios de imprensa afins ao macrismo, mais que seus funcionários e dirigentes, os que começaram a falar de “pesada herança” para qualificar o legado do kirchnerismo, talvez porque, ao assumir o governo, preferiram dar ênfase às expectativas de mudança mais que às cargas do passado. Porém, ao fazer uma média do seu mandato, e sobretudo ao desencadear-se a crise econômica no ano 2018, o macrismo começou a utilizá-lo cada vez mais para se referir, não apenas ao kirchnerismo, mas também a tudo o que deveria ser deixado para trás definitivamente: as políticas, instituições, experiências, direitos e tradições igualitárias, populares ou populistas, cuja expressão política mais emblemática é o peronismo. No entanto, e dado que o macrismo apresentava-se como uma força inovadora, também não se propunha voltar para um momento anterior ao peronismo. Em outras palavras: a *normalidade* que teria que ser recuperada não se encontrava tanto no passado nacional senão no futuro ou, em todo o caso, em países que tinham outra história e, por conta disso, eram tomados como modelo. Segundo o tema e as circunstâncias, eles podiam variar, incluindo alguns previsíveis como os europeus, Estados Unidos, Austrália, Coreia do Sul ou Canadá, mas também outros menos previsíveis como Chile, Peru ou Colômbia que, embora tenham implementado reformas pró-mercado, pensava-se que estavam em melhores condições para atingir um futuro promissório.

O diagnóstico que fazia ênfase no enorme peso do passado, permite entender por qual razão a profunda transformação socioeconômica propiciada pelo macrismo precisava modificar algumas concepções, identidades e valores que, durante décadas, orientaram as instituições e os atores individuais e coletivos. Nesse sentido, não parece exagerado afirmar que o macrismo também travou uma *batalha cultural*. Isso implicava pelo menos cinco questões centrais.

A primeira, era promover uma concepção da sociedade baseada em atores individuais e despolitizados – a *genté*, os *vizinhos*, os *usuários*, os *consumidores* – que, a partir de suas capacidades e possibilidades, disputam o acesso aos recursos, reconhecimento e posições sociais, ao invés dos tradicionais atores coletivos – o *povo*, as *classes*, a *cidadania*. A segunda era lograr uma valoração positiva do *privado* em detrimento do *público*, não apenas em termos econômicos ou de capacidade de gestão, mas também no âmbito das relações sociais. Nesse sentido, a novidade não estava dada pela entronização do pessoal – incluindo a família e o círculo de amizades –, mas pela identificação do privado com o doméstico, concebido como um espaço que deve ser resguardado de males como a violência e as drogas e, aliás, do doutrinamento das crianças nas escolas. A terceira era converter os direitos coletivos em privilégios indevidos, tal e como pôde ser apreciado na campanha de estigmatização de trabalhadores estatais e

⁶ Nos países latino-americanos de fala hispana, costuma-se usar a expressão *gente* para das pessoas no geral.

beneficiários de planos sociais⁷⁷ como *ñoquis*, *grasa militante*, *planeros* ou *choripañeros*. A quarta, sua contraface, era promover uma valoração positiva dos empresários invocando um discurso que os torna empreendedores, criadores de riqueza e doadores de emprego. A quinta, era deslocar material e simbolicamente o papel do Estado em prol do mercado ao considerá-lo o melhor mecanismo para regular as relações econômicas e sociais.

A MUDANÇA CULTURAL E A VISÃO ASPIRACIONAL

A necessidade de promover essas transformações sintetizou-se em uma consigna que expressava um núcleo central no projeto e no discurso macrista: a “mudança cultural” (Canelo 2019). Essa expressão tem profundas raízes que podem ser rastreadas em direções muito diversas e imprevistas, tanto filosóficas, quanto científicas ou religiosas. No discurso macrista, cuja aposta era colocar no centro as capacidades e desejos individuais, podem se identificar elementos que provêm da literatura de autoajuda, de algumas correntes contraculturais e da filosofia *new age*, mas sobretudo do discurso empresarial.

A “mudança cultural” foi um lema a partir do qual o macrismo conseguiu dialogar com o setor empresarial que se constituiu em um dos seus interlocutores privilegiados. Isso fica evidente na participação ativa que tiveram Macri e os funcionários de seu governo no Colóquio de Idea, um painel organizado pelo Instituto para o Desenvolvimento Empresarial Argentino onde, anualmente, reúnem-se empresários, executivos, funcionários, dirigentes políticos e sindicais, acadêmicos e jornalistas para debater sobre a situação do país e para estabelecer uma agenda que oriente as políticas públicas e privadas (Ansorena 2018). No primeiro Colóquio, realizado durante a Presidência de Macri em outubro de 2016, o moderador consultou aos participantes se nessa nova etapa devia colocar-se o acento no foco econômico, social, político ou cultural. Segundo o observado pelo cronista, a resposta acabou sendo uma surpresa para os mesmos participantes, pois a maioria afirmou que “o nó górdio argentino é cultural” (Olivera 2016). Um mês depois, o ministro do Trabalho, Jorge Triaca, fez uma apresentação na Conferência Anual da União Industrial Argentina, cujo eixo era a necessidade de uma “mudança cultural” para flexibilizar as condições de trabalho e as relações laborais (Carrillo 2016). É revelador, aliás, o rol assignado ao sistema educacional enquanto impulsor dessa mudança cultural, o que implicava ações tanto no curto prazo, quanto no longo prazo, tal e como deixaram claro algumas das intervenções de Esteban Bullrich, o ministro de Educação. Sua apresentação diante dos empresários nesse mesmo evento colocou em questão mais de um século de políticas educacionais focadas na construção de cidadania e de saberes universais, além da formação para o mercado de trabalho: “Eu não falo

⁷⁷ Esses nomes são alusões pejorativas. No caso de “*ñoquis*”, surge da tradição de comer esse prato no dia 29 de cada mês, e remete aos trabalhadores que figuram no quadro de repartição estatal, mas que apenas vão uma vez por mês para cobrar seu salário. “*Planeros*” é o mote utilizado para designar aos que recebem planos sociais. Daí derivou o acrônimo “*choriplanero*”, que remete à tradição de comer “*choripanes*” (um sanduíche de linguiça) nas mobilizações de rua. “*Grasa militante*” foi uma expressão empregada em janeiro de 2016 pelo ministro de Fazenda, Alfonso Prat Gay, para se referir aos trabalhadores estaduais, e com a qual aludia, ao mesmo tempo, ao fato de se tratar de “militantes” políticos ou sindicais e ao fato deles serem uma “*grasa*” (“gordura” em português. N. da T.) que dana o corpo do Estado e que, por conta disso, deve ser reduzida ou eliminada. Na Argentina, o termo “*grasa*” alude também a algo que se considera de “mão gosto”.

para vocês enquanto ministro de Educação, mas enquanto gerente de Recursos Humanos” (Spinetta 2016). Bullrich participara, poucas semanas antes, no painel *La Construcción del Capital Humano para el Futuro* realizado no contexto do Foro de Inversiones y Negocios, ocasião na qual pronunciou uma frase que acabaria tendo uma grande repercussão no começo do ano seguinte, no momento em que nas redes sociais começava a circular o vídeo de sua apresentação, e que dá conta de para onde apontava a “mudança cultural”:

Nós temos que educar aos meninos e meninas do sistema educativo argentino para que façam duas coisas. Ou para que sejam os que criam esses empregos – ou seja, os que aportam esses empregos para o mundo, geram, criam empregos... criar Marcos Galperines seria – aponta para o fundador da empresa Mercado Libre e se escutam risos (FW) – ou criar argentinos que sejam capazes de viver na incerteza e desfrutá-la⁸.

A “mudança cultural” não foi uma coisa passageira nem um lema que ficou na moda ao começar o governo Macri. Também não era um tópico circunscrito ao macrismo enquanto força política: Não parece casual que o lema do Colóquio Idea 2018 fosse “Mudança cultural: sou eu e é agora”. No contexto de uma entrevista que fechou o evento, o presidente de Idea, Javier Goñi, propus para Macri: “o que nós procuramos é um balanço entre o longo prazo, porque a mudança cultural é um processo que leva tempo, e a urgência, de ‘Sou eu e é agora’ para abordar os temas que precisamos resolver os argentinos” (Goñi 2018).

A necessidade de uma mudança cultural, omnipresente no discurso macrista e empresarial, também implicava reformular a relação com a temporalidade, que é o que aqui interessa examinar. Em uma entrevista realizada por uma rádio *correntina*⁹ em julho de 2016, o secretário de Meios, Hernán Lombardi, concluía que

Não vamos mudar até nós não fizermos uma mudança cultural onde redefinamos a relação entre os indivíduos, a sociedade e o Estado, onde redefinamos a situação sobre como vemos o passado para nos projetarmos no futuro (...). É a mudança cultural a que vai nos tirar da situação de continuar querendo conviver com os karmas que nós temos (Lombardi 2016).

O vínculo preciso entre a mudança cultural e uma nova concepção da temporalidade, pode ser apreciado em um artigo de opinião publicado por Macri em 2013 cujo título é, por sinal, significativo: “A resposta é o futuro”. O texto criticava a “visão reivindicativa” atada ao passado e que obstruía a possibilidade de progredir, à que se contrapunha uma “visão aspiracional” orientada para o futuro, que é a que sua força política oferecia como novidade no sistema político argentino:

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=1dvO-jorNow> (la transcripción es mía, FW).

⁹ Da província de Corrientes, na Argentina (Nota da Tradutora).

Nós estamos carentes de futuro. Falta-nos vontade de dar forma a uma nova realidade e nos sobra desencanto, medo e frustração. Dedicamos mais tempo em descrever o fracasso ao invés de esquecê-lo. É urgente nós aprender a superar a posição reivindicativa e consigamos gerar posições ativas e vitais que tornem possíveis as soluções das que precisamos.

A visão reivindicativa considera mais importante o passado que o futuro e faz pesar sobre todos nós uma realidade que já não existe. Há abuso das referências a pessoas e situações que pertencem a outra época. Procura-se vingança, não soluções. Valora-se mais um desquite desejado do que a vida e os projetos que hoje lutam por abrir-se caminho. A visão aspiracional, por sua vez, permite nos focar onde é preciso fazê-lo: no esforço e o prazer do desenvolvimento, no saudável desejo de crescimento.

Minha ação política, meu rol como dirigente, tem tido sempre como orientação convocar meus compatriotas para um ato de rebeldia essencial. Rebeldia, sim, una rebeldia que ousa superar preconceitos, referências obsoletas, temores, timidez, falsas diferenças. Rebeldia de quebrar os moldes repetitivos e participar: por que os argentinos temos tanta facilidade para nos distanciarmos, nos dividirmos, virar inimigos, quando em questões básicas seria mais simples coincidir? Todos queremos acabar com a pobreza, atualizar e melhorar a educação, gerar empregos e oportunidades para todos, nos integrarmos ao mundo, reforçar a segurança e construir uma Argentina moderna e desenvolvida.

(Macri 2013).

O texto desenvolve uma estratégia argumentativa usual no discurso macrista: apresentar um jogo de oposições irredutíveis como esquema interpretativo da sociedade argentina. Nesse contexto binário, Macri posicionava-se como um rebelde inconformista que queria acabar com um estado de coisas em que a persistência do passado, expressada no “desencanto, medo e frustração” e no “fracasso”, não deixava lugar à “vida” e aos “projetos” associados ao “prazer” e o “desejo saudável”, ao tempo que convocava a sociedade a se juntar com essa “rebeldia”. Isso foi o que permitiu dar fim ao estancamento e à crise permanente, e traçar um novo rumo orientado para um futuro que é retratado sem maiores precisões, como uma sorte de terra prometida na que todos poderiam coincidir, já que não haveria diferenças que dividissem a sociedade.

“O PASSADO ESTÁ CHEIO DE PESSOAS MORTAS”

Tanto pelo seu tom quanto pelo seu conteúdo, resulta provável que o artigo assinado por Macri fora escrito ou revisado por Alejandro Rozitchner, quem foi um dos principais inspiradores – e redatores – do seu discurso, o que levou ele ser designado assessor presidencial e ocupar um escritório na casa de governo. Rozitchner é um ativo promotor do que se chama “filosofia do entusiasmo”, a qual está baseada na vontade, no pensamento positivo, no hedonismo, na satisfação individual e na orientação futurista e que, em poucas palavras, poderia se caracterizar como uma recuperação superficial de temáticas nietzscheanas tamisada por experiências contraculturais vinculadas ao rock e expressada no discurso sentencioso próximo à autoajuda e à filosofia *new age* (Rozitchner 2012). O valor desse tipo de discurso radica na sua capacidade para complementar e potenciar a concepção individualista do neoliberalismo, cujo economicismo – que parece ser capaz de tudo, como aconteceu em algum momento com o marxismo – constitui um dos seus atrativos, mas também uma de suas limitações.

A ênfase em viver o presente e colocar o foco no futuro desdenhando o passado, é uma constante nos escritos e intervenções de Rozitchner. Em uma reportagem que ele dera no começo do ano 2019, ele advertia que

Nós estamos confiantes em que a orientação com relação ao presente e ao futuro se obtém a partir do conhecimento da história e eu acho isso uma barbaridade. Eu acho que isso é olhar fatos mortos, pessoas mortas, ideias velhas e viver nesse ambiente conservador.

Assim mesmo, recorria a imagens médicas e patológicas para sustentar que essa contraposição constitui uma disputa entre “uma relação saudável e um estado de alienação”, condenando, desta forma e de antemão, qualquer projeto que pretendesse recuperar o passado:

a relação saudável com a realidade não seria ficar observando sempre como é que foi a realidade, mas estar conectados física e diretamente com a realidade que se vive, embora seja mais difícil enquanto objeto de conhecimento (...). Uma mínima porcentagem da população, que continua debatendo o passado, tem uma alienação suficiente como para acreditar que as coisas acontecem em um tempo morto (Vásquez 2019).

As redes sociais são um meio fértil para esse tipo de ideias quando conseguem serem articuladas em um discurso pseudoingenioso e provocador, armado com frases breves que, sob a forma de slogans, não requerem de muita argumentação. Aliás, certamente, podem chegar a ter muita maior difusão e repercussão que qualquer artigo jornalístico. É por isso que interessa a nós revisar também algumas intervenções de Rozitchner nas redes, como o fio de tweets que publicou em 20 de setembro de 2018 sobre as condições necessárias para o desenvolvimento do país, onde afirmava que “Aquilo que orienta não é a história, mas o desejo”, “A identidade é ‘o que eu quero, não o que se passou antes”, “O passado está cheio de pessoas mortas”.



Rozitchner manifestava uma posição extrema que não necessariamente era compartilhada por todos os funcionários e simpatizantes do macrismo. Como sobre essa questão voltarei mais para frente, aqui eu só vou me referir a outras posições que compartilhavam tanto sua crítica para o passado quanto sua orientação futurista, mas em uma forma mais matizada. É o caso de Iván Petrella que, no início do governo de Macri, e enquanto oficiava como “Secretario de Integración Federal y Cooperación Internacional em el Ministerio de Cultura de la Nación”, publicou um artigo intitulado “Que o passado não nos paralise”, no

qual fazia um chamado a privilegiar o futuro, mas sem que isso implicasse desdenhar o passado (Petrella 2016). Também é o caso de Pablo Avelluto, quem afirmou, na Féria do Livro da Colômbia de 2018, que “O passado cultural argentino, como o colombiano, é enorme. Nós nos reconhecemos nele, mas às vezes o passado pode ser opressivo, uma mochila pesada demais”. Por essa razão ele propunha:

(...) encontrar-se com a Argentina contemporânea que, a partir desse passado, escreve sua própria história neste presente, com as vozes de uma trintena de escritores, ilustradores de distintos gêneros que vão nos mostrar o novo capítulo desse enorme livro da história da literatura (Avelluto 2018).

Resulta necessário, aliás, assinalar que não se trata de uma posição exclusiva dos funcionários e intelectuais macristas. Em fevereiro de 2020, e após ter sido designada pelo governo de Alberto Fernández como Diretora do Museu da Casa Rosada, Andrea Rabolini declarou que “Na Argentina existe um excesso de passado. Nós queremos um museu que olhe para o presente e para o futuro com neutralidade e abertura, um museu inclusivo e de todos os argentinos” (Gigena 2020). Palavras que muito bem poderiam ter sido ditas por Rozitchner ou, como veremos, por Marcos Peña.

A VIDA É UMA MOEDA

Esse chamado a desentender-se do passado por considerá-lo “uma mochila pesada demais”, é o que deu fundamento à medida simbólica mais importante tomada pelo governo macrista em relação com a história nacional: a mudança nas imagens do papel moeda. Tradicionalmente elas eram figuras e eventos históricos, e pelo tanto eram controversas, razão pela qual o Banco Central decidiu substituí-las pelas de animais autóctones de distintas regiões do país, acompanhadas no reverso pelas de seus habitats naturais.





Essa decisão é bastante conhecida, mas talvez não o sejam os argumentos que fez públicos o Banco Central no seu site com o título “Sobre a nova família de notas”¹⁰. Tais argumentos puderam se limitar à proposta de que, em uma etapa nova, priorizava-se pelo olhar para o futuro ao mesmo tempo que procurava-se chamar atenção sobre a riqueza natural do território nacional, expressada na diversidade da sua fauna. Porém, a aposta era maior, pois no centro da argumentação também aparece a contraposição entre vida/futuro e morte/passado, a partir da qual articulavam-se tópicos afins como a alegria e a ecologia, ou outros vinculados à política, como o federalismo e a unidade nacional:

Comemorar a vida. Nossa fauna e nossa flora são uma representação do vivo e da vida.

Enfatizar no futuro mais que no passado. Comemorar a vida é olhar para o futuro. Não queremos fazer um culto do que já aconteceu, porque nós estamos convencidos de que a melhor Argentina é a que está por vir.

Passar da solenidade à alegria. As notas usam cores vivas, deixando de lado a solenidade da monocromia. A alegria é a forma com que nós escolhemos viver nossas vidas cotidianas, por que nossa moeda deveria ser diferente?

Reivindicar o federalismo. Contra a centralidade que algumas vezes se pretende na vida política da Argentina, estas figuras representam todo o território nacional, por toda parte.

Somos mais que apenas homens e mulheres. Nosso país é muito mais que a sociedade de homens e mulheres. Somos plantas, animais, solo, ar, água; nós temos a responsabilidade de cuidar e de preservar em um sentido integral nosso ambiente e todos seus habitantes. Não estamos sozinhos neste mundo.

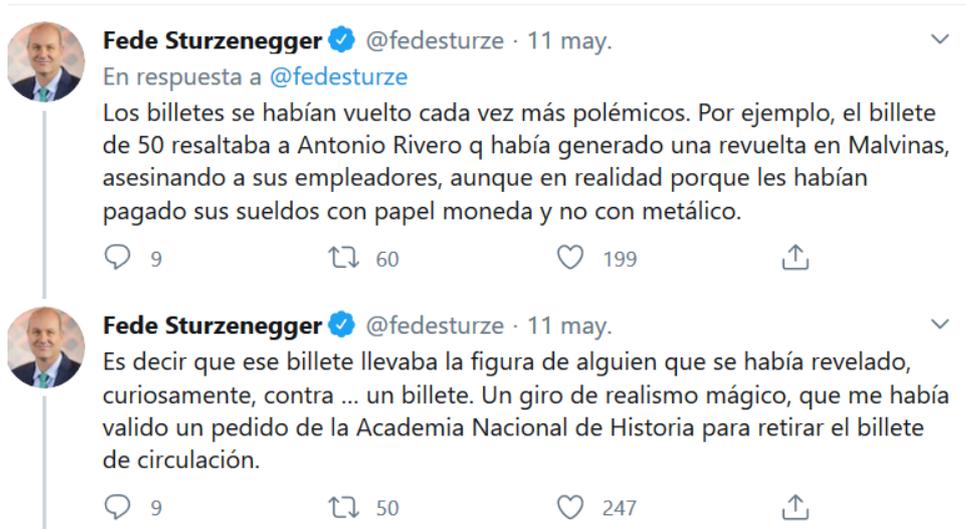
Nos encontramos todos os argentinos. As notas são uma presença cotidiana. E por isso nós escolhemos uma temática com a que absolutamente todos sintamo-nos representados e identificados. Nossa nova família fala dos desafios que temos todos os argentinos no entendimento de que é muito mais aquilo que nos une, que aquilo que nos separa.

¹⁰ http://www.bcra.gov.ar/MediosPago/Nueva_familia_billetes.asp

Essa medida foi apresentada e defendida pelo macrismo como um emblema da transformação que faria desde o governo. E também converter-se-ia em motivo de orgulho e, inclusive, de identidade para vários de seus funcionários, talvez por estes não terem muitas outras coisas positivas para ressaltar sobre seu passo pela função pública. É o caso de Federico Sturzenegger quem, como presidente do Banco Central, estava envolvido pessoalmente na mudança de imagem das notas, e ainda em maio de 2020 continuava a usá-las como capa do seu perfil de Twitter.



Mais importante que esse detalhe de cor é o fio de tweets que ele publicou adaptando para esse formato as razões com as que o Banco Central sustentara a decisão da mudança, e no qual somava alguns dados desconhecidos como a intervenção da Academia Nacional da História, que tinha pedido retirar a imagem do Gaucho Rivero da nota de \$50 sobre as Ilhas Malvinas. É provável que esse pedido só pretendesse promover uma interpretação da história afim à da Academia, cujas autoridades consideravam essa figura – reivindicada pelo revisionismo histórico – como um bandido que não merecia formar parte do panteão de heróis nacionais. Porém, para Sturzenegger isso evidenciava o caráter polêmico que tinham as imagens históricas nas notas e legitimava sua decisão de substituí-las pelas de animais.



A reivindicação dessa medida simbólica não foi só retrospectiva. O macrismo já tinha sido claro ao dizer que se tratava de uma decisão fundamental ao momento de governar e dava a impressão que suas políticas poderiam ser impostas sem maiores inconvenientes. Em 12 de outubro de 2017 Peña – quem além de ser chefe de Gabinete e mão direita de Macri, era quem concentrava as decisões sobre o discurso e a imagem oficial –, afirmou em uma entrevista realizada pelo jornalista Carlos Pagni durante o Colóquio Idea, o seguinte:

A obsessão que nós temos por analisar a conjuntura em função do passado não é normal. Em outros países isso não acontece. E é bom saber que essa é uma patologia nossa [risos cúmplices e salva de palmas]. Para mim, uma das coisas pequeninhas, mas simbólicas mais lindas que nós fizemos foi pôr animais nas notas... É a primeira vez na História argentina que há seres vivos na moeda nacional e que deixamos a morte para trás. Que a morte esteja tranquila, que descanse em paz e que nós vivamos nossa vida¹¹.

Dessa forma, e recorrendo a um repertório de imagens e de metáforas sobre o passado e o futuro vinculadas à morte, à vida e à doença, Peña propunha uma articulação com outra ideia forte do discurso macrista – e empresarial –: considerar a Argentina como um caso anormal e patológico pelo peso que teria o passado sobre o presente, mas também por suas políticas populistas e estatistas, sua medíocre qualidade institucional ou por seu suposto “isolamento do mundo”.

Embora o apelo para essa linha argumental não foi a única razão – e sem dúvida também não foi a principal –, o macrismo se impôs com comodidade nas eleições legislativas e nacionais realizadas dez dias depois dessa intervenção no Colóquio Idea 2017.

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=GHmr7JY72ok>. La transcripción es mía, FW.

ENTRE O TEMOR E A ESPERANÇA: A TEMPORALIDADE NOS DEBATES ELEITORAIS

Que papel jogou a temporalidade nas estratégias eleitorais do macrismo? Vários analistas afirmam que uma das chaves do seu sucesso nas eleições presidenciais de 2015 foi a estratégia polarizadora contra o kirchnerismo, um de cujos eixos centrais fora a contraposição entre o futuro e o passado. Porém, por trás desse canto do cisne que foram as eleições de 2017, a crise econômica provocou importantes mudanças no humor social, obrigando ao macrismo reorganizar sua estratégia eleitoral, pois já não era suficiente o apelo a imagens e metáforas para manter expectativas favoráveis como “a luz no final do túnel” ou o desdobramento prometido para o “segundo semestre”. Perante o crescente desencanto sofrido por amplos setores da sociedade em relação com aquele governo que não conseguiu cumprir com suas promessas, na campanha eleitoral de 2019 produziram-se algumas mudanças que incluíram referências temporais. Isso foi advertido pelo jornalista Jorge Fontevecchia, quem algumas semanas antes das eleições primárias, assinalou que

O futuro já não é mais o que era para Macri. O futuro era seu grande tempo verbal, mas ficou sem ele. Ele pode usá-lo, mas não tem mais efeito. Seus futuríveis, como chamam os filósofos aos futuros condicionados para diferenciá-los dos futuros absolutos ou necessários, já não resultam verosímeis (Fontevecchia 2019).

Na verdade, o discurso macrista não deixou de apontar para o futuro nas eleições de 2019. No entanto, o fez de uma forma distinta, no contexto de uma estratégia na qual, mais que se posicionar como um governo que defendia suas políticas, colocava-se como uma oposição da oposição. Segundo ele advertia, o que estava em jogo nessas eleições era impedir o retorno do passado, vale dizer, do kirchnerismo identificado como uma força antirrepublicana e corrupta que, no caso de triunfar, converteria a República da Argentina em um arremedo da Venezuela governada por Nicolás Maduro. Não se tratou, portanto, de uma mudança na concepção, mas sim de ênfase ou de sesgo: diferentemente das eleições presidenciais de 2015, em que se privilegiava a esperança no futuro, agora colocava-se a ênfase no temor ao passado, alimentado pelo ódio ao kirchnerismo em particular e ao populismo em geral.

Essa estratégia pode ser observada na campanha com a etiqueta #Cristinaeselpasado lançada pelo macrismo nas redes em 26 de julho de 2019 e na que predominavam imagens que pretendiam associar a fórmula presidencial peronista com fatos de corrupção.

 **Kirchnerismo Nunca Más.** @NuncaMask2019 · 3h
AL PASADO NO VOLVEMOS

Sumate a escribir [#CristinaEsElPasado](#) en tus tweets.

Vamos a recordar ese pasado al que no podemos volver, al cual representa Cristina y es el pasado que dejó un país hundido y del que duramente queremos salir.

¡Dale RT para DIFUNDIR!



Sua contraface propositiva e esperançosa pode ser apreciada na campanha com a etiqueta [#Votemosfuturo](#), que o macrismo conseguiu impor como tendência em Twitter em 5 de agosto e que, dentre outras imagens, recorria à de uma mãe abraçando com força seus filhos pequenos.

No tengo dudas. Votar a [#MM2019ListaCompleta](#) es para que [#VotemosFuturo](#)



 **FerAzzarri** #AcaLaTrolaDel...
@fazzarri

Tendencias de Argentina

1 · Tendencias
#VotemosFuturo
3.996 Tweets

2 · Tendencias
#TodosARosario
20,2 mil Tweets

3 · Tendencias
#VieneLammens
3.824 Tweets

4 · Tendencias
#musicaencolores

5 · Tendencias
Topo Gigio
3.431 Tweets

Argentina
Macri cierra la campaña porteña con un acto en Ferro

[Mostrar más](#)

Nesse mesmo dia comemorou-se, na Cidade de Buenos Aires, o ato de encerramento da campanha para as eleições primárias. Nessa ocasião, Macri pronunciou um jogo confuso de palavras que, no entanto, revela essa concepção, pois apenas fazia referência ao vínculo com a temporalidade livre de tudo e qualquer conteúdo político concreto: “não voltamos para o passado porque a Argentina do futuro é a que nós queremos, pois não há futuro no passado”.



As palavras de Macri podiam ser confusas, mas a mensagem era clara, pelo menos para seus simpatizantes, que o reproduziram nas redes sociais: era preciso impedir o retorno do kirchnerismo. Macri participaria poucos dias depois no ato de encerramento da campanha na cidade de Córdoba, na que tomou a palavra Mario Negri – um dirigente radical dessa província que presidia o bloco de deputados de Cambiemos –, quem insistiu em associar o passado com a morte e o futuro com a vida.



Mario Raúl Negri 
@marioraulnegri

Para elegir el rumbo hay que optar. En la vida hay que optar. O se va al pasado a morir o se va a pelear por el futuro. #JuntosSomosImparables



11:01 a. m. · 8 ago. 2019 · [Twitter Web App](#)

Nas eleições primárias realizadas em 11 de agosto de 2019, e em um cenário político, social e econômico profundamente transformado e no qual primou a polarização, o macrismo sofreu uma dura derrota por mais de 15 pontos. Diante desse desenlace imprevisto, o futuro voltou a ser empregado como um recurso motivador para sustentar as expectativas dos militantes e simpatizantes do macrismo de cara à eleições gerais que aconteceriam dois meses depois.

Em outubro, e no contexto da campanha desenvolvida sob o slogan “Sim, é possível”, Macri deu uma entrevista para uma rádio de Pergamino, na que insistiria em criticar a política econômica do kirchnerismo por deixar o país sem futuro, advertindo, aliás, que o “populismo hipoteca o futuro para você viver um presente. E assim que ele acaba, acaba mesmo”. Seguidamente, e reforçando o

sentido dessas palavras, ele comparava o emprego da economia doméstica com a de um país, ao assinalar que “é como conceder a administração da tua casa para a tua mulher e ela, ao invés de pagar as contas, usou os cartões. Vai que um dia desses hipotecam a tua casa” (Macri 2019).

Para além de se tratar de uma comparação machista, cuja burrice fez com que Macri tiver que recuar, o sentido era bem claro: considerar o populismo como uma atitude ou um pensamento irresponsável que privilegia o desfrute do presente sem medir as consequências e que, por causa disso, põe em perigo o futuro. O macrismo, pelo contrário, insistia em se apresentar como uma força cujo capital era o futuro, embora nesse momento suas promessas tinham se convertido em uma moeda tão depreciada como o peso argentino.

REFERÊNCIAS

- ADAMOVSKY, Ezequiel. *El cambio y la impostura*. La derrota del kirchnerismo, Macri y la ilusión PRO. Buenos Aires: Planeta, 2017.
- AVELLUTO, Pablo. La Argentina contemporánea desembarca en la Feria del Libro de Bogotá, *EFE*, 18 abr. 2018. Disponível em: <https://www.efe.com/efe/america/cultura/la-argentina-contemporanea-desembarca-en-feria-del-libro-de-bogota/20000009-3587653>
- BERDICHESKY, Hernán. Un diseño que levantó polémica. Habló el diseñador que hizo el logo del Bicentenario: “Une la grieta”. *Clarín*, 27 de mayo de 2016. Disponível em: https://www.clarin.com/sociedad/hablo-disenador-bicentenario-une-grieta_0_V1U8JmxQW.html
- BOHOSLAVSKY, Ernesto y MORRESI, Sergio. El partido PRO y el triunfo de la nueva derecha en Argentina. *Amérique Latine Histoire et Mémoire*, No. 32, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/alhim.5619>
- BROWN, Wendy. *El pueblo sin atributos*. La secreta revolución del neoliberalismo. Barcelona: Malpaso, 2016.
- CANELO, Paula. *¿Cambiamos?* La batalla cultural por el sentido común de los argentinos. Buenos Aires: Siglo XXI, 2019.
- CARRILLO, Cristian. Plantear un cambio cultural. *Página 12*, 23 nov. 2016. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/4707-plantear-un-cambio-cultural>
- CERRUTI, Gabriela. *El Pibe*. Mauricio Macri: negocios, intrigas y secretos. Buenos Aires: Planeta, 2015.
- DARDOT, Pierre y LAVAL, Christian. *La pesadilla que no acaba nunca*: El neoliberalismo contra la democracia. Barcelona: Gedisa, 2017.
- DI MARCO, Laura. *Macri*: historia íntima y secreta de la élite argentina que llegó al poder. Buenos Aires: Sudamericana, 2016.
- DI MARCO, Laura. Juan Grabois, una metáfora de la Argentina. *La Nación* 11 de marzo de 2020. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/opinion/juan-grabois-una-metafora-de-la-argentina-nid2341960/>
- DURÁN BARBA, Jaime. El futuro vive entre nosotros. *Perfil*, 16 de jul. de 2020. Disponível em: <https://www.perfil.com/noticias/columnistas/el-futuro-vive-entre-nosotros.phtml>
- ESCALANTE GONZALBO, Fernando. *Historia mínima del neoliberalismo*. México: El Colegio de México, 2015.
- FISHER, Mark. *Realismo capitalista ¿No hay alternativa?* Buenos Aires: Caja Negra, 2018.
- FONTEVECCHIA, Jorge. Marcos Peña: “Murió el mito, se puede gobernar sin peronismo”. *Perfil*, 12 nov. 2017. Disponível em:

<https://www.perfil.com/noticias/politica/murio-el-mito-se-puede-gobernar-sin-peronismo.phtml>

- FONTEVECCHIA, Jorge. El problema de Macri con el futuro. *Perfil*, 20 abr. 2019. Disponible em: <https://www.perfil.com/noticias/columnistas/el-problema-de-macri-con-el-futuro.phtml>
- GALLIANO, Alejandro. *¿Por qué el capitalismo puede soñar y nosotros no?* Breve manual de las ideas de izquierda para pensar el futuro. Buenos Aires: Siglo XXI, 2020.
- GIGENA, Daniel. Andrea Rabolini vuelve a la Casa Rosada como directora del museo. *La Nación*, 18 feb. 2020. Disponible em: <https://www.lanacion.com.ar/cultura/andrea-rabolini-vuelve-casa-rosada-nid2334925/>
- GOÑI, Javier. Entrevista a Macri, 22 de oct. 2018. Disponible em: <https://www.caserosada.gob.ar/informacion/conferencias/43945-entrevista-al-presidente-mauricio-macri-en-el-cierre-del-54-coloquio-de-idea-en-mar-del-plata>
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Lento presente*. Sintomatología del nuevo tiempo histórico. Madrid: escolar y mayo, 2010.
- HARTOG, François. *Regímenes de historicidad*. Presentismo y experiencias de tiempo. México: Universidad Iberoamericana, 2007.
- HARVEY, David. *Breve historia del neoliberalismo*. Madrid: Akal, 2007.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro pasado*. Para una semántica de los tiempos históricos. Barcelona: Paidós, 1993.
- LOMBARDI, Hernán. Sólo vamos a cambiar de verdad si logramos un cambio cultural. Radio Sudamericana, 6 jul. 2016. Disponible em: http://www.radiosudamericana.com/notix/nota/153763_s%EF%BF%BDlo_vamos_a_cambiar_de_verdad_si_logramos_un_cambio_cultural.htm
- LORENZ, Chris y BEVERNAGE, Berber (eds.), *Breaking up Time*. Negotiating the Borders between Present, Past and Future. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2013.
- MACRI, Mauricio. La respuesta es el futuro. *La Nación*, 6 mar. 2013. Disponible em: <https://www.lanacion.com.ar/opinion/la-respuesta-es-el-futuro-nid1560426/>
- MACRI, Mauricio. La polémica frase de Macri: “Es como que le cedas la administración de tu casa a tu mujer, use la tarjeta y te hipotequen la casa”. *La Nación*, 15 oct. 2019. Disponible em: <https://www.lanacion.com.ar/politica/la-polemica-frase-machista-macri-es-como-nid2297344/>
- OLIVERA, Francisco. Un debate en el que asomó la necesidad de un cambio cultural. *La Nación*, 14 oct. 2016. Disponible em: <https://www.lanacion.com.ar/economia/un-debate-en-el-que-asomo-la-necesidad-de-un-cambio-cultural-nid1946991/>
- PEROCHENA, Camila. La historia en la política y las políticas de la historia. Batalla cultural y revisionismo histórico en los discursos de Cristina Fernández de Kirchner (2007-2015), *Prohistoria*, No 33, pp. 233-263, 2020. Disponible em: <https://doi.org/10.35305/prohistoria.vi.1089>
- PETRELLA, Iván. Que el pasado no nos paralice. *La Nación*, 27 feb. 2016. Disponible em: <https://www.lanacion.com.ar/opinion/que-el-pasado-no-nos-paralice-nid1874770/>
- RODRÍGUEZ ANSORENA, Tomás. 54 coloquio de IDEA: el cambio cultural en una economía empantanada. *Forbes Argentina*, 18 oct. 2018. Disponible em: <https://www.forbesargentina.com/today/54-coloquio-idea-cambio-cultural-una-economia-empantanada-n511>
- ROMERO, Luis Alberto. El nuevo relato que la sociedad necesita. *La Nación*, 13 de mayo de 2016. Disponible em: <https://www.lanacion.com.ar/opinion/el-nuevo-relato-que-la-sociedad-necesita-nid1898156/>

- ROSA, Hartmut. Aceleración social: consecuencias éticas y políticas de una sociedad de alta velocidad desincronizada. *Persona y Sociedad*, Vol. XXV (1), pp. 9-49, 2011. Disponible em: <https://doi.org/10.53689/pys.v25i1.204>
- ROZITCHNER, Alejandro. *Ganas de vivir*: La filosofía del entusiasmo. Buenos Aires: Sudamericana, 2012.
- SPINETTA, Franco. Bullrich, ante empresarios: “No les hablo como ministro de Educación, sino como gerente de Recursos Humanos”. *Página 12*, 23 nov. 2016. Disponible em: <https://www.pagina12.com.ar/4801-bullrich-ante-empresarios-no-les-hablo-como-ministro-de-educ>
- VALERO, Aurelia y ZERMEÑO, Guillermo (eds.). Dossier La historia en un tiempo presentista. *Desacatos. Revista de Ciencias Sociales*, No 55, pp. 8-87, 2017. Disponible em: [//doi.org/10.29340/55.1800](https://doi.org/10.29340/55.1800)
- VÁZQUEZ, Luciana. Entrevista a Alejandro Rozitchner. *La Nación*, 2 ene. 2019. Disponible em: <https://www.lanacion.com.ar/politica/alejandro-rozitchner-no-me-sorprendieron-denuncias-abuso-nid2207359/>
- VOMMARO, Gabriel. *La larga marcha de Cambiemos*. La construcción silenciosa de un proyecto de poder. Buenos Aires: Siglo XXI, 2017.
- VOMMARO, Gabriel; BELLOTTI, Alejandro y MORRESI, Sergio. *Mundo PRO*. Anatomía de un partido fabricado para ganar. Buenos Aires: Planeta, 2015.
- WASSERMAN, Fabio (ed.). *Tiempos críticos*. Historia, revolución y temporalidad en el mundo iberoamericano (siglos XVIII y XIX), Buenos Aires: Prometeo, 2020.
- WASSERMAN, Fabio. “No hay futuro en el pasado”. Política, temporalidad y orden social en el discurso macrista”. *Bordes. Revista de Política, Derecho y Sociedad*, No 14, pp. 133-146, 2019. Disponible em: <https://publicaciones.unpaz.edu.ar/OJS/index.php/bordes/article/view/565/515>
- WASSERMAN, FABIO. Entre el pasado y el futuro. Metáfora, política y temporalidad en el discurso macrista. In: ONCINA, Faustino y FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier (eds.). *Metafóricas espacio-temporales para la historia*. Enfoques filosóficos e históricos. Valencia: Pre Textos, 2021.

Na Lama da História

Política e Temporalidade no Discurso Macrista
Artigo recebido em 16/09/2022 • Aceito em 18/11/2022
DOI | doi.org/10.5216/rth.v25i2.73793
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado